

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

CLAYROLLAINE THAYS DA SILVA
GABRIEL NASCIMENTO MUNIZ DOS SANTOS
WAGNER DA SILVA LIRA

**BENEFÍCIOS DOS JOGOS NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA PARA CRIANÇA AUTISTA**

RECIFE
2023

CLAYROLLAINE THAYS DA SILVA
GABRIEL NASCIMENTO MUNIZ DOS SANTOS
WAGNER DA SILVA LIRA

BENEFÍCIOS DOS JOGOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA CRIANÇA AUTISTA

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito final para obtenção do título de Licenciatura em
Educação Física.

Professor Orientador: Prof. Dr. Edilson Laurentino dos Santos

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

S586b Silva, Clayrollaine Thays da.
Benefícios dos jogos nas aulas de educação física para criança autista /
Clayrollaine Thays da Silva; Gabriel Nascimento Muniz dos Santos; Wagner
da Silva Lira. - Recife: O Autor, 2023.
26 p.

Orientador(a): Dr. Edilson Laurentino dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Licenciatura em Educação Física, 2023.

Inclui Referências.

1. Autismo. 2. Educação física. 3. Jogos. 4. Interação. 5. TEA. I.
Santos, Gabriel Nascimento Muniz dos. II. Lira, Wagner da Silva. III.
Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 796

Sumário

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Autismo e diagnóstico	9
2.2 Direito das crianças com autismo	10
2.3 Educação física e autismo	11
2.4 Elaboração de jogos na educação física	12
2.4.1 Natação	13
2.4.2 Esportes coletivos	13
2.4.3 Circuitos funcionais	13
2.4.4 Lutas	14
2.4.5 Dança.....	14
2.4.6 Xadrez.....	14
2.4.7 Futsal	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
4.1 Análises e discussões.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
Referências	29
AGRADECIMENTOS.....	34

BENEFÍCIOS DOS JOGOS NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA CRIANÇAS AUTISTAS

Clayrollaine Thays da Silva
Gabriel Nascimento Muniz dos Santos
Wagner da Silva Lira
Edilson Laurentino dos Santos¹

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista é uma síndrome comportamental na qual o processo de desenvolvimento da criança se encontra profundamente deturpado, sendo caracterizada pela somatória de déficits na comunicação social e comportamental. Nesse sentido é de suma importância entender os métodos de atuação do educador físico no processo de desenvolvimento infantil de crianças com necessidades especiais, se tendo esse quesito como objetivo geral do projeto. A metodologia da pesquisa abordada foi de cunho bibliográfico, com revisão de ideias, quanto abordagens e objetivos através de método qualitativo, levantando dados de artigos científicos como base de dados Scielo, Lilacs, livros e Google acadêmico.

Palavras-chave: Autismo. Educação Física. Jogos. Interação. TEA.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno mental que tem influências genéticas e é causado por condições genéticas e é causado por condições cerebrais em partes do cérebro, como o hipocampo. Sendo caracterizado pela dificuldade cognitiva na comunicação, transtornos comportamentais e interação social (MENDES, 2015).

Uma criança com autismo poderá vir sofrer preconceitos, isolamentos e será incompreendida pelas outras crianças, até mesmo por seus professores que não possuam treinamento especializado nesses tipos de caso. Para se mudar esse quadro, pode-se aliar a essência da educação física e as práticas dessas crianças

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2022); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2012). Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2009). Membro do Conselho Editorial da Revista Brasileira de Meio Ambiente - RVBMA [Brazilian Journal of Environment] (ISSN: 2595-4431). Membro Pesquisador do Laboratório de Gestão de Políticas Públicas de Saúde, Esportes e Lazer - UFPE (LABGESPP/UFPE); Membro Colaborador do Projeto de Extensão EDUCAÇÃO FÍSICA DA GENTE (Núcleo de Educação Física e Ciências do Esporte - CAV/UFPE); Membro Pesquisador do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e de Lazer - REDE CEDES - MINISTÉRIO DO ESPORTE. Professor do Curso de Graduação em Educação Física - UNIBRA. E-mail para contato: edilson.santos@grupounibra.com

para auxiliar no trabalho e reduzir suas dificuldades com a interação social (CATELLI, 2016).

Segundo Martins (2017), nas escolas e no dia a dia, a educação física pode ajudar uma criança a se desenvolver holisticamente, a viver uma vida saudável, a desenvolver habilidades sociais, a promover o trabalho em equipe e a melhorar suas habilidades atléticas. Trazendo diversos benefícios para as crianças, como incentivo para a aprendizagem e liberdade cognitiva.

Sendo fundamental para se formar a base para a educação inclusiva para pessoas autistas, pois pode ajudá-las a aprender e se comunicar, além de reduzir suas limitações nas interações sociais. Reduzindo as dificuldades que as crianças autistas enfrentam no ambiente escolar, como falta de equipamentos especializados e estruturas inadequadas na sala de aula e de professores que não atendam adequadamente suas necessidades.

A inclusão de pessoas com necessidades especiais torna-se muito importante na Educação Física atual, visto que em muitos casos esses alunos vêm sendo dispensados das aulas ou deixados de lado observando seus colegas realizar as atividades proposta. Com isso a Educação Física Adaptada está se desenvolvendo dentro da área de atuação da Educação Física e dos esportes, visando incluir e privilegiar populações com algum tipo de limitação (PIEKARZ, BÔA, BORCHARDT, 2017).

De acordo com Mello e colaboradores (2019) para um aluno que necessite de atenção especial, as atividades e jogos devem ser adaptados de forma lúdica voltadas para objetivos pedagógicos de acordo com as suas necessidades, para que se tenha uma boa captação da atividade proposta, um bom desempenho, e principalmente que a criança possa se divertir em conjunto com as outras.

Na Educação Física Adaptada o professor deve se adaptar ao aluno e não o contrário, isso deve acontecer para que o professor consiga ser capaz de observar e procurar subsídios que contribuam para o desenvolvimento do aluno, para que ele possa ajudar a criança a contornar as dificuldades e se adaptar ao ambiente em que está inserida (MACIEL, 2019).

Portanto, o professor deve propiciar a capacidade de reflexão de seus alunos, trabalhando em cima de movimentos que possam ter utilidade no cotidiano dessa criança, movimentos esses que ajudarão o aluno a desenvolver melhor a coordenação motora. Através desses movimentos o aluno poderá progredir na vida social, bem

como melhorar a sua qualidade de vida, não apenas em termos biológicos, mas também no quesito socialização (SOARES, 2015).

De acordo com a Constituição (1988), todo indivíduo com necessidades especiais tem direito a uma educação, a ser fornecida preferencialmente dentro da rede regular de ensino. Portanto, é preciso que haja mais preocupação de todos os profissionais com a necessidades destas crianças.

Objetivo geral do artigo busca analisar os efeitos benéficos que os jogos tem no desempenho de crianças com autismo (TEA). E especificamente, busca correlacionar as atividades físicas adaptadas e a melhora na interação de crianças autistas, evidenciar melhorias sociais de crianças com TEA por meio da interação com a Educação Física e identificar os possíveis benefícios da prática de atividade física e de jogos em crianças autistas

De acordo com Santos e colaboradores (2016) crianças com TEA necessitam de atenção durante o período de aprendizagem, e se tendo métodos ideais e elaboração de estratégias que permitam os professores alcançar o desenvolvimento e estimulação das capacidades físicas e cognitivas; se espera uma melhoria na interação e autonomia das crianças autistas.

Possuindo uma série de benefícios, a temática do projeto se volta para a inclusão de todas as crianças em relação a qualidade de vida e educação habitual, tendo a participação de professores e especialmente os pais, para se ter um melhor entendimento e atender melhor às necessidades das crianças.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Autismo e diagnóstico

Crianças com autismo apresentam sintomas desde o início da infância, mas não há certeza de diagnóstico, tornando essencial monitorar seu desenvolvimento ao longo de suas vidas. Embora os pacientes muitas vezes procurem especialistas com queixas da ausência da fala, os déficits de comunicação e interação geralmente ocorrem antes que a doença se desenvolva (PINTO *et al*, 2016). O TEA pode se manifestar antes mesmo dos dois e três anos de idade, mesmo que o diagnóstico

ainda não tenha sido estabelecido. Os sinais, quando identificados, justificam a intervenção (SAVAL, 2018).

Além disso, psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos e neurologistas com experiência clínica são necessários para identificar com mais precisão os sintomas da infância. É importante buscar ajuda de profissionais especializados para iniciar o tratamento, momento em que a família se depara com seus próprios preconceitos, o que pode levar à rejeição ou aceitação do autismo (PAULYANE, 2015).

2.2 Direito das crianças com autismo

As necessidades educacionais especiais, como parte da Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, devem ser atendidas para contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento dos jovens. Por meio de currículos, métodos, técnicas e recursos que atendam às necessidades dos jovens, auxiliamos os pais na busca pela inclusão de crianças dentro e fora da escola (LIMA, VIANA, 2016).

De acordo com o Decreto Legislativo Berenice Piana nº12764/2012, o autismo é reconhecido como uma deficiência, e os indivíduos autistas têm direito a um diagnóstico precoce, incluindo tratamento, terapias, medicamentos e acesso à educação, proteção social e igualdade de oportunidades no trabalho (JUNIOR, 2021).

A inclusão de crianças e adolescentes com autismo é importante para permitir a convivência e a integração, para minimizar preconceitos e exclusões, preservando sua individualidade e limites. A lei não deve ser a única razão para uma criança com autismo ter acesso efetivo à educação, uma vez que a educação é um direito humano básico, permitindo que a pessoa com autismo participe e se desenvolva na sociedade (LAPA, 2016).

Como resultado, as pessoas autistas não devem ser excluídas de atividades que possam beneficiar suas deficiências, e a educação física é uma das opções pelas quais essas melhorias na comunicação e interação social podem ser alcançadas (OLIVEIRA, 2020).

2.3 Educação física e autismo

O estudo da educação física baseia-se no fato de que o ser humano é biológico, emocional, cognitivo e social, de modo que pode ser aplicado a outras ciências, a fim de observar e estudar todos os aspectos da vida, exercendo e desenvolvendo funções mentais, sociabilidade, criatividade e coordenação motora (ANDRION *et al*, 2021).

Tendo o seu uso no ensino da criança com autismo uma significativa ajuda no seu desenvolvimento de habilidades e qualidade de vida. Isso permite que a Educação Física seja utilizada para promover a aprendizagem de crianças com deficiência, incluindo crianças e adolescentes autistas, como componente curricular baseado em atividades motoras e pedagógicas (LUIZ, 2016). Isso tem um efeito sobre o desenvolvimento educacional e motor das crianças, relacionando-se com aspectos psicopedagógicos do ensino e aprendizagem dos mesmos, fazendo com que o desenvolvimento cognitivo seja modificável também (JUCÁ *et al*, 2022).

Nesse sentido, a relação entre a Educação Física e outras áreas educacionais e psicopedagógicas no processo de ensino-aprendizagem de crianças com deficiência tem todos os pré-requisitos para apoiar o desenvolvimento cognitivo das crianças. Da mesma forma, a Educação Física tem o objetivo de promover a aprendizagem, a socialização, o despertar e o interesse pelas atividades diárias, o que pode potencializar o desempenho educacional dos alunos autistas (AGUIAR, 2017).

Da mesma forma, a Educação Física estimula a aprendizagem, a socialização e o despertar ou interesse em participar de atividades em crianças autistas, otimizando assim seus resultados educacionais. Um profissional de Educação Física deve enfatizar que cada criança e adolescente autista tem sua própria individualidade, e as habilidades são ensinadas primeiro através de atividades individuais, depois em um ambiente de grupo (HOFFMAM, 2018).

Todas as pessoas, independentemente da idade ou sexo, podem se beneficiar da atividade física, desde que respeitem seus limites, e a atividade física proporciona alguns benefícios para as crianças autistas, como forma de lidar com comportamentos problemáticos, como estereótipos, automutilação e agressão (SILVA, 2018).

2.4 Elaboração de jogos na educação física

As pessoas com deficiência devem ser ensinadas as modalidades dos esportes de maneiras que estimulem seu próprio potencial individual, em vez de se concentrar apenas na padronização do exercício e nos movimentos repetitivos. No entanto, com relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), menciona-se que, ao lado desses obstáculos, também existem dificuldades na interação, características da perturbação, dificultando a realização de atividades esportivas, que exigem interpessoal e trabalho em equipe em geral (LOURENÇO, 2015).

Os benefícios das práticas esportivas e da atividade física para crianças autistas incluem a aprendizagem sensório-motora, a comunicação e a socialização, além de melhorar a motivação e a autoconfiança, fatores decisivos para o sucesso de dos processos de aprendizagem (BARBUJO, 2021). Para determinar a melhor atividade para cada indivíduo, um profissional deve considerar suas limitações individuais e estudar a melhor atividade, e incluir desenvolvimento, autoestima, autoimagem, interação grupal, estimular a independência e superar qualquer frustração que a criança tenha experimentado devido à sua incapacidade de desenvolver qualquer atividade (ARAÚJO, 2019).

Além de ajudar a melhorar a aptidão física das crianças autistas, a sala de aula deve ser projetada para atender a todas as suas necessidades. A prática esportiva na escola deve ser cuidadosamente planejada para que atenda a todas as suas necessidades e para que ele possa se adaptar aos interesses ou deficiências da criança (BENEVIDES, 2019). Se o repertório de socialização ainda estiver em desenvolvimento, pode ser necessário praticar em um ambiente mais restrito, com poucos e os mesmos materiais ao longo das sessões, juntamente com as mesmas pessoas e instruções (CAETANO, 2020).

Ao implementar ambas as medidas, os praticantes são mais propensos a prestar atenção ao que devem fazer em vez do que deveriam estar fazendo, incentivando-os a se envolver em atividades, diminuindo a probabilidade de estereótipos, agressão ou autolesão (CHICON, 2019).

Para crianças autistas, o esporte pode proporcionar uma série de benefícios, incluindo desenvolvimento cognitivo, coordenação motora, melhora da autoestima,

desenvolvimento da consciência corporal, fortalecimento muscular e até mesmo o uso dele como uma ferramenta lúdica de desenvolvimento (LOURENÇO, 2016).

Além disso, os esportes podem reduzir a ansiedade, que é comum entre as pessoas com transtornos do espectro do autismo, bem como o peso corporal, pois as crianças com transtornos do espectro do autismo são mais propensas a serem obesas. Alguns dos esportes que podem ser abordados pelo educador físico são: natação, esportes coletivos, circuitos funcionais, lutas, danças, futsal e jogos de tabuleiros como xadrez (KRÜGER, 2019).

2.4.1 Natação

A natação é um dos esportes mais recomendados para crianças com transtornos do espectro do autismo, pois fortalece o sistema cardiorrespiratório e os membros inferiores e superiores e ajuda a construir o tônus muscular. Além de ensinar técnicas de natação às crianças, a sua prática regular é eficaz para reduzir problemas psicológicos e sociais comportamentais (PEREIRA, 2019).

2.4.2 Esportes coletivos

Além de proporcionar uma maior quantidade de tempo e espaço, os esportes em grupo são uma ótima opção para crianças com TEA, principalmente por parte da socialização e interação com outras crianças. Fazendo com que em muitos casos, os esportes coletivos têm um impacto positivo maior na vida das pessoas autistas do que os esportes individuais. Pois pessoas com TEA se beneficiam mais dos grupos porque eles fornecem entretenimento social que muitos não têm ou evitam através do contato físico (RICCO, 2017).

2.4.3 Circuitos funcionais

Uma proposta dinâmica e divertida que é adaptada para crianças com transtornos do espectro do autismo, os circuitos funcionais oferecem oportunidades para o profissional conhecer crianças com TEA. As atividades devem ser concluídas em uma determinada ordem durante uma sessão ou momento (SAMPAIO *et al*, 2018).

É importante preparar as atividades de forma lúdica para que as crianças se beneficiem de uma melhora significativa em seu desenvolvimento motor e cognitivo. As atividades podem ser realizadas individualmente ou em grupos, com um objetivo específico em mente (BOYLE, 2015).

2.4.4 Lutas

Os alunos que frequentam as aulas de artes marciais desenvolvem autoconfiança e autocontrole, tendo seus princípios muito interessantes para crianças com transtorno de déficit de atenção ou que experimentam muita agitação diariamente. Como parte da atribuição da educação física, o instrutor deve desenvolver as habilidades do indivíduo autista, para garantir que o movimento apropriado seja ensinado de acordo com a capacidade de cada pessoa (BARBOSA *et al*, 2018).

2.4.5 Dança

Nas salas de aula de dança, as pessoas autistas podem se desenvolver socialmente, comportamentalmente, psicologicamente, emocionalmente e fisicamente, e podem usar o corpo para expressar suas emoções com a ajuda da música. Com música, as pessoas autistas são capazes de fazer movimentos rítmicos e usar seus corpos como meio de expressão (SILVA, 2019).

2.4.6 Xadrez

Como o xadrez é um jogo lógico, há um conjunto de regras pré-estabelecidas e fixas, e a maioria das pessoas com o TEA se sente mais confortável quando entende essas regras, especialmente quando elas são explicadas de uma maneira diferente. Para atingir esse objetivo, damos prioridade à linguagem denotativa (SOUZA, 2016).

Especificamente, as crianças podem servir como uma ferramenta útil para melhorar as interações e a socialização em pessoas com TEA, uma vez que possuem características muito frequentes e distintas. Assim o jogo de xadrez também pode

ajudar as crianças que têm dificuldade de concentração devido à hiperatividade ou autismo, pois se torna uma fonte de foco para o jogador, permitindo-lhes aumentar a sua concentração (SOUZA, 2021).

2.4.7 Futsal

A fim de facilitar a inclusão das crianças e facilitar o acompanhamento e a adaptação ao ritmo e à velocidade do jogo, o futsal deve ser ensinado a um ritmo mais lento, com etapas que começam com um simples pontapé, progredindo para o drible e a posse de bola (SERON, 2022). Uma vez que as crianças com autismo tendem a se cansar mais rápido do que aquelas sem autismo, e uma vez que seus corpos não são sensíveis a baixos níveis de dor, um ou dois jogadores podem ser colocados com mais frequência a cada duas vezes para melhorar o estilo de jogo, contribuindo para a preservação da resistência e do fôlego dessas crianças (SOUZA, 2016).

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Foi realizado um estudo de natureza qualitativa, já que a pretensão não é de quantificar os dados, mas analisá-los os sentidos e significados. Conforme Minayo (2010) a pesquisa qualitativa:

Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para identificar estudos que tratam do tema investigado. Esse tipo de pesquisa é elaborada por meio de trabalhos já executados por outros autores, cujos interesses conferidos; eram os mesmos. Gil (2010) aponta as suas vantagens afirmando que:

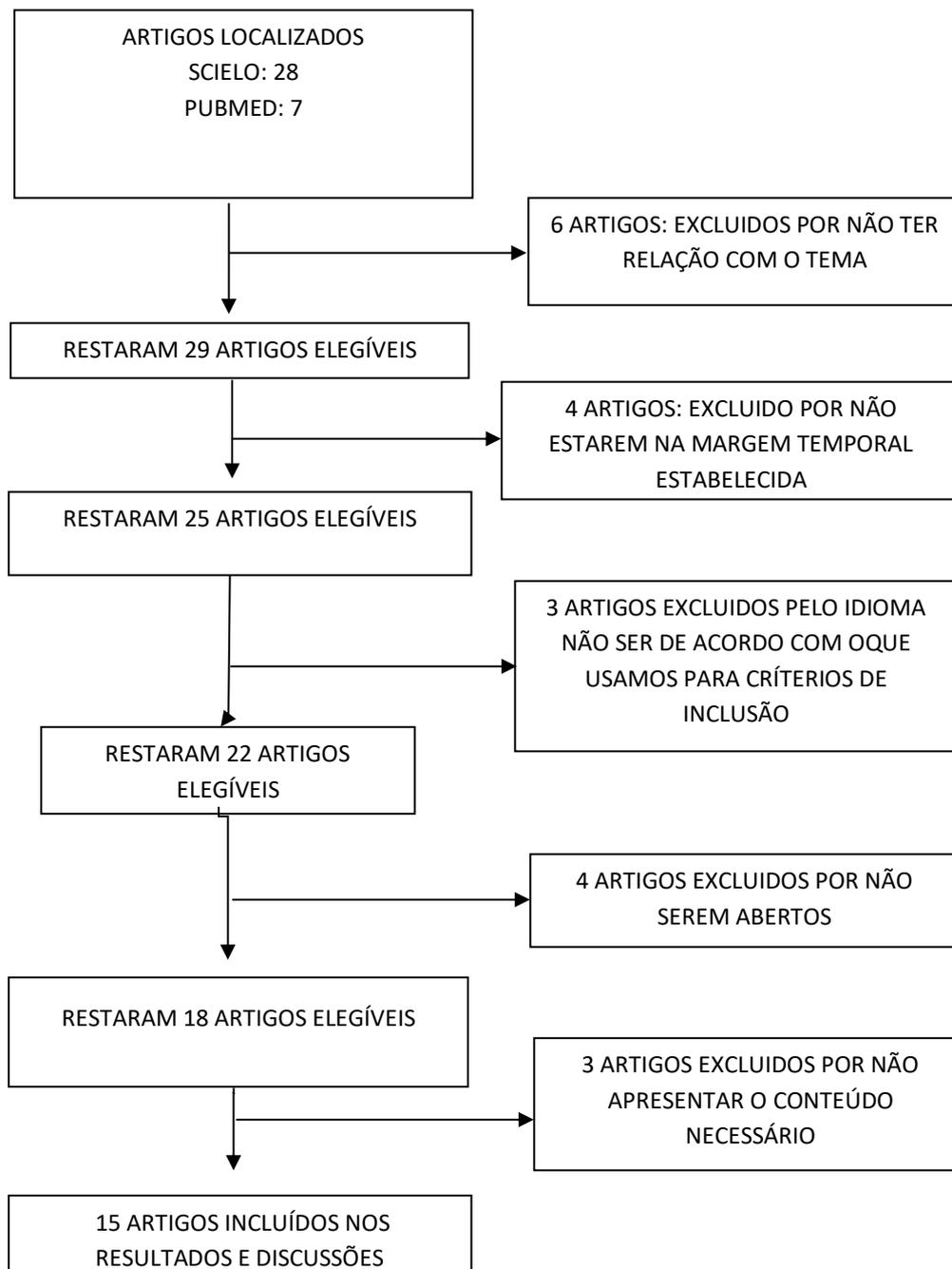
A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários (GIL, 2010).

Para conhecer a produção do conhecimento acerca dos benefícios dos jogos nas aulas de educação física para crianças autistas, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicas SCIELO, PUBMED. Como descritores para tal busca, foram utilizados os seguintes descritores: Autismo. Educação Física. Jogos. Interação. TEA., e os operadores booleanos para interligação entre eles foram: AND e OR. Os critérios de inclusão do uso dos artigos foram: 1) estudos publicados dentro do recorte temporal de 2015 a 2023; 2) estudos com conteúdo dentro da temática estabelecida; 3) artigos na Língua Portuguesa; 4) artigos originais. Os critérios de exclusão do uso dos artigos foram: 1) estudos indisponíveis na íntegra; 2) estudos com erros metodológicos; 3) estudos repetidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O objetivo deste trabalho foi analisar os efeitos benéficos que os jogos tem no desempenho de crianças com autismo (TEA) através de estudos originais. Neste contexto, os artigos foram lidos e selecionados criteriosamente, analisando as publicações têm-se os seguintes achados.

Figura 1 Fluxograma de busca dos trabalhos



Quadro 1: Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.

AUTORES	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	RESULTADOS
<p>AGUIAR, Renata Pereira de.; PEREIRA, Fabiane Silva; BAUMAN, Claudiana Donato</p>	<p>Realizar uma revisão literária de trabalhos que apontassem a importância da prática de atividades físicas para o desenvolvimento de pessoas com TEA</p>	<p>Revisão de literatura narrativa</p>	<p>Dados científicos</p>	<p>Estudos demonstram que, por meio da prática de exercícios como caminhada, equinoterapia, e atividades aquáticas as pessoas com autismo conseguem desenvolver melhor sua capacidade comunicativa, reduzir o comportamento antissocial, diminuir o comportamento que demonstram inadaptação, estereotipias e agressividade.</p>
<p>ANDRION, Patricia Rossi et al.</p>	<p>Analisar a interface entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a Educação Física no contexto escolar</p>	<p>Revisão de literatura</p>	<p>Artigos científicos</p>	<p>Resultados demonstraram a dificuldade dos professores de EF em incluir esses estudantes em suas aulas e a necessidade em reduzir estímulos externos as aulas de EF para auxiliar na concentração dos estudantes com TEA.</p>
<p>ARAÚJO, Fabiana Zanol.</p>	<p>Objetiva compreender os aspectos relacionais de crianças com autismo em uma brinquedoteca universitária</p>	<p>Estudo de caso</p>	<p>Os participantes foram 17 crianças, com idades de três a seis anos – dez crianças não deficientes de um Centro de Educação Infantil, seis com autismo e uma com síndrome</p>	<p>Ao inserir nas ações pedagógicas a interação entre crianças com e sem deficiência/autismo, exige-se recuperar valores e conhecimentos que incluem o corpo e suas expressões, o movimento, o gesto, o afeto, as emoções, a</p>

			de Down, pertencentes ao município de Vitória/ES.	lucidez e o encantamento, como também valores e conhecimentos capazes de lidar com as diferenças.
BARBUIO, Rodrigo.	Compreender os sentidos que os educandos com deficiência e com Transtorno do Espectro do Autismo atribuem ao modo como vivenciam seus processos de escolarização.	Levantamento teórico	Artigos científicos	A pesquisa com narrativa de jovens com deficiência e com Transtorno do Espectro do Autismo mostra-se como um caminho para pensar novos meios de organização escolar, de modo a considerar as vozes desses alunos.
CAETANO, Ubirajara da Silva.	Analisar as formas possíveis e as dificuldades de intervenções lúdicas na pré-escola em aulas de educação física que privilegiam a interação e a comunicação de crianças que apresentam Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)	Abordagem qualitativa	Três turmas de pré-escola, com cerca de 65 crianças	Os elementos visuais utilizados para facilitar a comunicação e interação, hoje fazem parte da rotina das aulas de Educação Física, contribuindo com a inclusão de todas as crianças, de modo que as atividades lúdicas, a roda de conversa a organização dos espaços físicos foi além dos propósitos da pesquisa, contribuindo para a construção efetiva de ambientes lúdicos e inclusivos.
CATELLI, C. Q.; D'ANTINO, M. E.; ASSIS, S. B.	Descrever e analisar as experiências de professores de educação física na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em escolas estaduais da cidade de	Abordagem qualitativa	10 professores da área de Educação Física	Os resultados apontaram a grande dificuldade que os profissionais têm em relação ao trabalho com o aluno TEA, seja pela falta de informação, formação, falta de apoio da gestão escolar

	São Paulo, Brasil			e discussão multidisciplinar que afeta diretamente ao aluno
HOFFMAM, Deborah Christina Lopes.	Discutir as práticas esportivas como uma maneira alternativa capaz de promover a inclusão das crianças que possuem esse transtorno, a fim de compreender como a Psicologia do Esporte pode contribuir para essa inclusão, tratando a atividade esportiva como um fator de socialização.	Levantamento descritivo	Dados científicos	A Psicologia do Esporte atua, então, como um agente viabilizador da inserção social, sendo capaz de compreender a atividade física e esportiva como instrumento de tratamento, reabilitação e socialização dos indivíduos.
JUCÁ, Luan Gonçalves <i>et al.</i>	Mapear e analisar a produção da pós-graduação brasileira sobre Transtorno do Espectro Autista e Educação Física escolar	Revisão integrativa da literatura.	Catálogo de Teses e Dissertações da Capes	Os debates sobre essa temática estão em evolução. Todavia, percebe-se faltarem estudos no Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.
LIMA, Helene Rodrigues; VIANA, Fabiana Cury.	Analisar o desenvolvimento do autista e a importância da atividade física para o mesmo.	Pesquisa bibliográfica	Artigos científicos	Percebe-se que a atividade física direcionada ao autista, juntamente com o método de intervenção adequado, leva a melhora da qualidade de vida destas crianças.
LOURENÇO, Carla Cristina Vieira <i>et al.</i>	Reunir os principais estudos que foram realizados nos últimos anos no âmbito da atividade física em indivíduos com (TEA) e retirar	Pesquisa descritiva	Artigos científicos	As intervenções pretendem estudar a influência das atividades propostas no comportamento agressivo e estereotipado,

	as conclusões acerca dos mesmos.			funcionamento social, resistência, qualidade de vida e stress, aptidão física e resistência. Os programas de intervenção revelaram melhorias significativas, mostrando as potencialidades do exercício em pessoas com TEA
LUIZ, Simone Aparecido Mariano; MORAES, Joao Carlos Pereira.	Investigar como professores dessa disciplina que trabalham com crianças autistas veem a participação desses alunos em suas atividades.	Levantament o teórico	Três docentes que lecionam o componente curricular em salas com alunos autistas.	Os professores possuem ciência das dificuldades de tais crianças, embora nem todos construam ações que melhorem a participação dos seus alunos.
MELLO, Lucas Augusto de <i>et al.</i>	Identificar a percepção dos PEF sobre os benefícios da Educação Física escolar para o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista.	Pesquisa descritiva	10 Pessoas com professores de Educação física (PEF) que atuavam na rede municipal de ensino, com turmas do 1º ao 5º ano	Identificou-se que os PEF souberam definir o TEA, relataram a importância das aulas de Educação Física para o desenvolvimento geral do aluno com TEA, porém, algumas questões negativas foram citadas como a falta do diagnóstico do aluno
PIEKARZ, Aleide; BÔA, Ariadina Sales; BORCHARDT, Claudineia.	Denotar o histórico e as metas da EFA para crianças com autismo, proporcionando uma reflexão sobre a importância da inclusão.	Pesquisa exploratória	Coleta de dados bibliográficos	Diante das especificidades e na forma com que a EFA trabalha com crianças com TEA, é possível afirmarmos que aquela adquire uma elevada importância na compensação dos déficits demonstrados pelos alunos com necessidades educacionais especiais.

RICCO, Ana Claudia.	Pesquisar sistematicamente e analisar criticamente a literatura relacionada aos efeitos da atividade física em indivíduos autistas.	Revisão sistemática	Artigos científicos	Esportes coletivos possuem um maior impacto positivo na vida do autista do que esportes individuais. Os coletivos são mais benéficos pois proporcionam um entrosamento social que muitos indivíduos com TEA não possuem ou evitam possuir por medo do contato físico.
SILVA, Simone Gama et al.,	Demonstrar a importância e benefícios advindos da prática atividades físicas voltadas a pessoas com autismo, bem como as dificuldades do profissional de educação física para trabalhar com este tipo de público.	Cunho bibliográfico	Artigos científicos	Além dos benefícios na parte física, o contexto social melhora significativamente, principalmente com o trabalho da inclusão das pessoas com autismo.

4.1 Análises e discussões

O estudo contou com a análise e revisão de 15 artigos referente a temática do artigo sobre autismo e educação física. Após a leitura e filtragem desses artigos pode-se separar e especificar sua tipagem como exploratória, descritiva, qualitativa.

Os artigos que através de métodos observacionais, e estudos de caso demonstraram resultados semelhantes entre si. Apontando que por meio de interações coletivas, as crianças portadoras do espectro autista conseguiam se expressar e demonstrar um desempenho muito mais proveitoso nas aulas de educação física do que por atividades individuais.

Estudos de Aguiar, Pereira e Bauman (2017), através de trabalhos que apontassem a importância da prática de atividades físicas para o desenvolvimento de pessoas com TEA puderam identificar que por meio da prática de exercícios como caminhada, equinoterapia, e atividades aquáticas as pessoas com autismo

conseguem desenvolver melhor sua capacidade comunicativa, reduzir o comportamento antissocial, diminuir o comportamento que demonstram inadaptação, estereotipias e agressividade.

Visto que atividades que fujam da rotina cotidiana, ou que possuam alguma interação com outro indivíduo ou animal possam a vir a despertar curiosidade nessas crianças, fazendo assim que elas tenham um despertar de interesse naquela proposta acadêmica. E consigam se abrir mais com o educador e com os colegas de turma, adquirindo confiança e construindo laços.

Já o estudo de Andrion (2021) buscou analisar a interface entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a Educação Física no contexto escolar tendo como resultado a dificuldade dos professores de EF em incluir esses estudantes em suas aulas e a necessidade em reduzir estímulos externos as aulas de EF para auxiliar na concentração dos estudantes com TEA.

Nesse caso pode-se notar uma falta de preparação do profissional educador físico para lidar com crianças com necessidades especiais, visto que cada criança sendo neurotípica ou não possui dificuldades e limitações individuais. Então conta-se que é de suma importância o treinamento e especialização no processo de formação profissional para que consiga lidar da melhor forma caso venha a ter casos parecidos.

Araújo (2019) objetiva compreender os aspectos relacionais de crianças com autismo em uma brinquedoteca universitária, onde após análise observacional pode confirmar que ao inserir nas ações pedagógicas a interação entre crianças com e sem deficiência/autismo, exige-se recuperar valores e conhecimentos que incluem o corpo e suas expressões, o movimento, o gesto, o afeto, as emoções, a lucidez e o encantamento, como também valores e conhecimentos capazes de lidar com as diferenças.

Visto que crianças em idade iniciais costumam demonstrar mais empatia com outras, podendo assim trabalhar de uma melhor forma o respeito as diferenças, e criar vínculos entre elas. Se de fundamental importância essa interação desde cedo, já que com o passar dos anos as crianças, principalmente as neuroatípicas costumam se isolar em alguns casos, tornando o processo mais trabalhoso.

Nos estudos de Barbuio (2021), que busca compreender os sentidos que os educandos com deficiência e com Transtorno do Espectro do Autismo atribuem ao modo como vivenciam seus processos de escolarização. Ele menciona que as aulas

de educação física servem como um caminho para pensar novos meios de organização escolar, de modo a considerar as vozes desses alunos.

É através de suas narrativas que descobrimos o que os alunos desejam: onde as intervenções de seus professores durante as aulas possam criar um ambiente que abrace a diversidade; por meio de implementação de jogos, brincadeiras; promovendo atividades competitivas de forma que todos possam participar; trabalhando com atividades diárias.

Caetano (2020), buscou analisar as formas possíveis e as dificuldades de intervenções lúdicas na pré-escola em aulas de educação física que privilegiam a interação e a comunicação de crianças que apresentam Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). E concluiu que os elementos visuais utilizados para facilitar a comunicação e interação, hoje fazem parte da rotina das aulas de Educação Física, contribuindo com a inclusão de todas as crianças, de modo que as atividades lúdicas, a roda de conversa e a organização dos espaços físicos foi além dos propósitos da pesquisa, contribuindo para a construção efetiva de ambientes lúdicos e inclusivos.

Em decorrência dos elementos visuais utilizados para facilitar a comunicação e a interação, as aulas de Educação Física passaram a fazer parte da rotina curricular, permitindo a inclusão de todas as crianças, de modo que as atividades lúdicas, as rodas de conversa e a organização do espaço físico foram além do objetivo da pesquisa, contribuindo para a criação de ambientes lúdicos e inclusivos.

Catelli, D'antino e Assis (2016), descrevem e analisam as experiências de professores de educação física na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em escolas estaduais da cidade de São Paulo. E seus resultados apontam que a grande dificuldade que os profissionais têm em relação ao trabalho com o aluno TEA, seja pela falta de informação, formação, falta de apoio da gestão escolar e discussão multidisciplinar que afeta diretamente ao aluno.

Neste estudo demonstrou que muitas vezes os profissionais tentam trabalhar a inclusão desses alunos nas suas aulas, porém relatam que a falta de conhecimento e de capacitação prejudica tanto o processo de acolhimento desse aluno, como pode também gerar um processo de frustração do profissional por não conseguir atingir seus objetivos com êxito.

No caso de Hoffmam (2018), ele buscou discutir as práticas esportivas como uma maneira alternativa capaz de promover a inclusão das crianças que possuem esse transtorno, a fim de compreender como a Psicologia do Esporte pode contribuir

para essa inclusão, tratando a atividade esportiva como um fator de socialização. E constatou que a Psicologia do Esporte atuaria, então, como um agente viabilizador da inserção social, sendo capaz de compreender a atividade física e esportiva como instrumento de tratamento, reabilitação e socialização dos indivíduos.

Então pode-se constatar que a psicologia do esporte passará a ser entendida não só na perspectiva das técnicas de intervenção com os atletas para atingir o seu nível ótimo de rendimento, mas como um instrumento facilitador da integração social, no que diz respeito à socialização dos indivíduos, de forma multidisciplinar, e com a família.

Juca (2022), mapeou e analisou a produção da pós-graduação brasileira sobre Transtorno do Espectro Autista e Educação Física escolar. Onde pode notar que os debates sobre essa temática estão em evolução. Todavia, percebe-se faltarem estudos no Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Após análise do artigo, pode-se concluir em grande parte dos casos, os profissionais carecem de formação continuada, o que impossibilita a compreensão de conceitos e características sobre essa deficiência e formas de promover a educação inclusiva. Visto que a atualização curricular do profissional é de suma importância para que o mesmo saiba como abordar e comandar uma sala de aula com crianças neuroatípicas, frisando principalmente a interação integral da criança e evitando possíveis frustrações pessoal e profissional desse educador.

No artigo de Lima e Viana (2016), eles buscaram analisar o desenvolvimento do autista e a importância da atividade física para o mesmo. E Perceberam que a atividade física direcionada ao autista, juntamente com o método de intervenção adequado, leva a melhora da qualidade de vida destas crianças.

Além dos benefícios da educação física para os autistas em termos de melhoria da saúde e do funcionamento psicomotor, social e cardiovascular, a educação física reduz comportamentos como falta de atenção, impulsividade e hiperatividade. Fora essa melhoria na qualidade de vida da criança, ela pode começar a se entrosar mais com os outros alunos, construindo assim uma relação de confiança com os demais.

Lourenço (2016), buscou reunir os principais estudos que foram realizados nos últimos anos no âmbito da atividade física em indivíduos com (TEA) e retirar as conclusões acerca dos mesmos. E concluiu que as intervenções pretendiam estudar a influência das atividades propostas no comportamento agressivo e estereotipado, funcionamento social, resistência, qualidade de vida e stress, aptidão física e

resistência. Os programas de intervenção revelaram melhorias significativas, mostrando as potencialidades do exercício em pessoas com TEA.

Foi demonstrado que o exercício tem um impacto significativo nas pessoas com autismo, tanto em termos de melhoria da sua condição física como de melhoria das suas capacidades cognitivas e percepção sensorial. A atividade física em indivíduos com transtornos do espectro do autismo é um aspecto importante, apresentando benefícios em diversos domínios.

Já Luiz e Moraes (2016), investigaram como professores dessa disciplina que trabalham com crianças autistas veem a participação desses alunos em suas atividades. Visto que os professores possuem ciência das dificuldades de tais crianças, embora nem todos construam ações que melhorem a participação dos seus alunos.

Sobre o artigo em questão discordo sobre o seu levantamento metodológico, onde concluíram que apesar da inclusão ser importante, o aluno com autismo deve frequentar uma escola de ensino especial para sanar suas necessidades. Visto que o profissional educador pode sim se qualificar para contornar essa problemática e assim aplicar de forma coesa e benéfica a inclusão desses alunos.

Por utilização de método descritivo, Mello (2019), identificou a percepção dos PEF sobre os benefícios da Educação Física escolar para o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista. E concluiu que os PEF souberam definir o TEA, relataram a importância das aulas de Educação Física para o desenvolvimento geral do aluno com TEA, porém, algumas questões negativas foram citadas como a falta do diagnóstico do aluno.

Como cada aluno com TEA possui sua individualidade, o profissional educador físico deve compreender seu aluno e propor atividades dentro das limitações, sem deixar de pensar nos demais alunos. Podendo ser tomado como métodos estratégicos para despertar o interesse da criança autista, o profissional educador pode utilizar abordagens sensoriais, incentivar e evitar atividades muito longas.

Piekarz, Bôa e Borchard (2017), denotam o histórico e as metas da EFA para crianças com autismo, proporcionando uma reflexão sobre a importância da inclusão. E diante das especificidades e na forma com que a EFA trabalha com crianças com TEA, é possível afirmarmos que aquela adquire uma elevada importância na compensação dos déficits demonstrados pelos alunos com necessidades educacionais especiais.

Dessa forma, destaca-se a importância da Educação Física Adaptada para crianças com autismo no ensino regular, mas desde que observadas e trabalhadas as peculiaridades de cada criança, inclusive permitindo que elas tomem consciência de seu corpo antes de serem incluídas na escola regular.

Pesquisando sistematicamente e analisando criticamente a literatura relacionada aos efeitos da atividade física em indivíduos autistas, Ricco (2017), conclui que os esportes coletivos possuem um maior impacto positivo na vida do autista do que esportes individuais. Os coletivos são mais benéficos pois proporcionam um entrosamento social que muitos indivíduos com TEA não possuem ou evitam possuir por medo do contato físico.

Como consequência deste tipo de intervenção, fica claro que os indivíduos com autismo conseguem reduzir os seus comportamentos estereotipados e melhorar a sua qualidade de vida, como a funcionalidade física e emocional.

Silva (2018) busca demonstrar a importância e benefícios advindos da prática atividades físicas voltadas a pessoas com autismo, bem como as dificuldades do profissional de educação física para trabalhar com este tipo de público. Já que além dos benefícios na parte física, o contexto social melhora significativamente, principalmente com o trabalho da inclusão das pessoas com autismo.

Dessa forma, a Educação Física como componente curricular baseado em atividades motoras e pedagógicas, torna-se um meio de promover a aprendizagem de “crianças com deficiência”, incluindo crianças e adolescentes autistas, por meio da potencialização do desempenho educacional e motor da criança, afetando a área psicopedagógica em o processo de ensino e aprendizagem, resultando em crescimento cognitivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a análise dos artigos pesquisados para a elaboração da pesquisa buscamos compreender dentro do contexto dos Transtornos Globais de Desenvolvimento, como crianças com TEA podem ser incluídas nas aulas de educação física por meio de atividades lúdicas. Onde as relações com os outros e o lugar que as crianças com TEA ocupam na sociedade no sentido de terem privilégios ou serem banalizadas, particularmente no ambiente educacional, implicam a visão que temos das diferenças e seu discurso na sociedade, e a necessidade de promover uma mudança educacional, uma nova perspectiva, baseada na compreensão de que antes de ser diferente, são crianças que têm direitos legais.

Partindo dessa premissa, o objetivo do artigo analisar os efeitos benéficos que os jogos tem no desempenho de crianças com autismo.

Como resultado do trabalho incluído na revisão aqui apresentada, foi possível identificar os desafios enfrentados pelos alunos com TEA durante as aulas de Educação Física, incluindo o ruído das crianças em geral, e as dificuldades do professor em incluir esses alunos nas atividades em grupo. Sendo muitas vezes necessário a simplificação da atividade pelo professor, como instruções da atividade sendo curtas e objetivas, redução do espaço para se ter um melhor controle da turma.

De modo geral, os resultados apontaram a importância da inclusão dos alunos portadores de TEA, e relatam reais benefícios na interação e comunicação dessa crianças. Relatam também que o profissional educador deve buscar se especializar para que consiga abordar melhor sua turma e consiga trabalhar e ensinar de forma mais eficaz.

Porém os artigos não chegam em um acordo sobre qual seria a abordagem mais proveitosa já que cada criança tem particularidades únicas, ressaltando assim que o educador físico deve buscar sempre estar atualizado para evitar desgastes tanto dele quanto da criança. Sendo assim, uma problemática encontrada durante a pesquisa, podendo ser um tema desenvolvido para estudos futuros.

Referências

AGUIAR, Renata Pereira de.; PEREIRA, Fabiane Silva; BAUMAN, Claudiana Donato. Importância da Prática de atividade física para as pessoas com autismo. **Revista de Saúde e Ciências Biológicas**, v.5, n.2,2017.

ANDRION, Patricia Rossi et al. Transtorno do Espectro Autista e Educação Física escolar: revisão sistemática de literatura. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 22, n. 1, p. 175-194, 2021.

ARAÚJO, Fabiana Zanol. **Aspectos relacionais da criança com autismo em situação de brincadeira**. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória, 2019.

BARBOSA, Edson Diego Silva *et al.* Autistas e lutas: inovando métodos inclusivos. **Cintedi**. 2020.

BARBUIO, Rodrigo. **Eu também quero falar! narrativas de alunos com deficiência e com Transtorno do Espectro do Autismo sobre a escola comum e as aulas de Educação Física**. 2021. 183 f. Tese (Doutorado em EDUCAÇÃO) - Universidade São Francisco, Itatiba, 2021.

BENEVIDES, Jhony dos Santos. **Caracterização da atuação do professor de educação física nas equipes multiprofissionais que trabalham com pessoas com TEA em Dourados-MS**. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

BOYLE, Michael. **Avanços no treinamento funcional**, Michael Boyle ; tradução: Ana Cavalcanti C. Botelho; revisão técnica: Ivan Jardim. – Porto Alegre: Artmed, 2015.

CAETANO, Ubirajara da Silva. **Interação e comunicação de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em aulas de Educação Física infantil**. 2020. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2020.

CATELLI, C. Q.; D'ANTINO, M. E.; ASSIS, S. B. O transtorno do espectro autista e a educação física escolar: a prática do profissional de rede estadual de São Paulo. **Atas- Investigação qualitativa em educação**, v.1, p.57-71, 2016.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CHICON, José Francisco et al., Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, p. 169-175, 2019.

HOFFMAM, Deborah Christina Lopes. Psicologia, esporte e inclusão: considerações sobre o transtorno do espectro autista e a inclusão social por meio de atividades esportivas. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 574-586, 2018.

JUCÁ, Luan Gonçalves *et al.* Educação física escolar e transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa. **Revista de educação física, esporte e lazer**. v, 34, n, 65. 2022.

JUNIOR, Edson Vidal de Souza. **LEI BERENICE PIANA: o direito dos autistas à educação, análise das opiniões de usuários sobre a efetividade da legislação e principais desafios**. TCC. Porto Alegre. 2021.

KRÜGER, Gabriele Radunz et al., O efeito de um programa de atividades rítmicas na interação social e na coordenação motora em crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, 23, 1-5, 2019.

LAPA, Débora Louyse Almeida. **Dificuldades da Educação Inclusiva para Crianças com Autismo**. **Psicologado**, [S.I.]. (2016).

LIMA, Heleno Rodrigues; VIANA, Fabiana Cury. Importância da educação física para inserção escolar de crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA). **Revista**

Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, Ano 01, Edição 11, Vol. 10, pp. 261-280. Nov. 2016.

LOURENÇO, Carla Cristina Vieira et al. Avaliação dos Efeitos de Programas de Intervenção de Atividade Física em Indivíduos com Transtorno do Espectro Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, nº 2, Marília, 2015.

LOURENÇO, Carla Cristina Viera et al. A Eficácia de um Programa de Treino de Trampolins na Proficiência Motora de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.22, nº1, Marília, 2016.

LUIZ, Simone Aparecido Mariano; MORAES, Joao Carlos Pereira. A participação do autista nas aulas de Educação Física: **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, 2016.

MACIEL, Larissa Fernanda Porto et al. Produção científica relacionada ao basquetebol em teses e dissertações brasileiras: análise bibliométrica. **Movimento**, v. 25, p. 25027, 2019.

MARTINS, A. D. F.; MONTEIRO, M. I. B. Alunos autista: análises das possibilidades da interação social no contexto pedagógico. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 21, n. 2, p.215-224, 2017.

MELLO, Lucas Augusto de *et al.* Benefícios da educação física escolar para o desenvolvimento do aluno com transtorno do espectro autista na percepção dos professores. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.**, v.20, n.1, 2019.

MENDES, E.G.; CIA, F.; D’AFFONSECA, S.M. **Inclusão escolar e a avaliação do público-alvo da educação especial**. São Carlos: Marquezine & Manzini; ABPEE: Marília, 2015.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval de. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista.** 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista> .2020.

PAULYANE T.M Gomes et al., Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de Pediatria**, RJ, vol.91 no. 2 Porto Alegre Mar. /Apr. 2015.

PEREIRA, Tayene Luna Pires et al. Avaliação das variáveis comportamentais e habilidades aquáticas de autistas participantes de um programa de natação. **Unicamp**, v.17,2019.

PIEKARZ, Aleide; BÔA, Ariadina Sales; BORCHARDT, Claudineia. **A importância da educação física adaptada para crianças com autismo no ensino regular.** TCC. Nova Venécia. 2017.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem.** v, 37, n, 3, 2016.

RICCO, Ana Cláudia. **Efeitos da atividade física no autismo.** 2017. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física). Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2017.

SANTOS, Cristiane Fontes dos; SANTOS, Herica Carmen dos; SANTANA, Maria Jussara de. **O processo de aprendizagem de crianças autistas.** 2016.

SAVAL, A. C. R., DIAS, M. **Transtorno do Espectro Autista: do conceito ao processo terapêutico.** São José/SC: FCEE, 2018.

SAMPAIO, Andrew Matheus Lameira *et al.* **O treinamento funcional como método de desenvolvimento de força e motricidade global em um paciente autista clássico do espaço terapêutico amira figueiras (arima).** 2018.

SERON, Bruna Barboza; Souza Patricia dos Anjos. Campeonato de futsal para pessoas com deficiência intelectual, múltipla e com transtorno do espectro autista: uma experiência de desenvolvimento para além do jogo. **Ver Assoc Bras Ativ Mot Adapt.** v, 23, n, 1. 2022.

SILVA, Elaine Carvalho; ORLANDO, Rosimeire Maria. A interface dança e autismo: o que nos revela a produção científica. **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019.

SILVA, Simone Gama et al., Os benefícios da atividade física para pessoas com autismo. **Revista Diálogos em Saúde**, v.1, n. 1, 2018.

SOARES, Fernanda Caroline; MONTAGNER, Paulo Cesar; **A Competição Esportiva Escolar como Componente Pedagógico a Ser Refletida e Aplicada nas Aulas de Educação Física**, Motriz, Rio Claro, v.15, n.2. 2015.

SOUZA, Luciano Gomes de. O xadrez e o transtorno do espectro autista (TEA). **Revista científica multidisciplinar Brillant Mind.** v, 1. n, 1. 2020.

SOUZA, Pablo Miguel; CODOGNO, Franciane Teixeira de Oliveira. Importância do futsal para o desenvolvimento de crianças com autismo. **Revista Científica de Ciências Aplicadas da FAIP.** 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por ter nós dado discernimento para a conclusão desse TCC.

A nossa família e amigos por todo o apoio.

A meu orientador Prof. Dr. Edilson Laurentino dos Santos por todo o acompanhamento, correção do trabalho, pela paciência e por toda orientação.